

**Dinamizar os parques da cidade  
através de atividades intergeracionais:  
o Parque Infante Dom Pedro, cidade  
de Aveiro, Portugal<sup>1</sup>**

*Revitalizing city parks through intergenerational  
activities: the Park Infante Dom Pedro, city of  
Aveiro, Portugal*

Sacha Vieira  
Sara Guerra<sup>2</sup>

**RESUMO:** Os programas intergeracionais (PI) são ferramentas mobilizadoras da comunidade, baseadas num processo humano básico que combina gerações para alcançar um bem comum. O Parque Infante D. Pedro (Aveiro, Portugal) foi até aos anos 1980/90 um lugar privilegiado de convívio, mas atualmente é um espaço negligenciado. O projeto *Parque = Lugar com História(s) e Natureza para Socializar* (P=LHNS) dinamizou esse espaço público através da promoção de atividades intra e intergerações.

**Palavras-chave:** Espaços públicos; Intergeracionalidade; Participação comunitária.

**ABSTRACT:** *Intergenerational programmes (IP) are a useful community mobilising tool, established in a basic human process that connects generations for a common good. The Infante D. Pedro Park (Aveiro, Portugal) was a privileged place for conviviality until the 1980/90, but currently it is a neglected place. The project Park = Place with Stories and Nature for Socializing (P=LHNS) has revitalized this public space by promoting intra and intergenerational activities.*

**Keywords:** *Public spaces; Intergenerationality; Community participation.*

---

<sup>1</sup> Este projeto foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do concurso “EntreGerações”; teve ainda o apoio de: UNIFAI (Unidade de Investigação e Formação sobre Adultos e Idosos), Câmara Municipal de Aveiro e Junta da Freguesia da Glória.

<sup>2</sup> As autoras agradecem a: Ana Petim; Celina Silva; Natália Abrantes; Liliana Sousa; a toda a comunidade aveirense que se envolveu e apoiou; aos *ThinkPublic* e ao Instituto de Empreendedorismo Social pela consultadoria.

## **Introdução**

Nas últimas décadas, um conjunto de alterações sociais e demográficas tem vindo a transformar a natureza das relações intergeracionais em todas as sociedades, nomeadamente (Bostrum, 2000): (a) aumento da esperança média de vida e consequente aumento do número de pessoas idosas; (b) mudanças na estrutura da família (com destaque para a integração da mulher no mercado de trabalho); e (c) alterações na relação entre as gerações mais novas e mais velhas, atualmente descrita pela pouca compreensão mútua. Esse cenário de transições sócio-demográficas fez emergir a crescente necessidade de fomentar a coesão social e a solidariedade intergeracional (Bostrum, 2000; Kuehne, 2003; Newman; Ward; Smith; Wilson; McCrea & Kingson, 1997). É neste contexto que surgem os programas intergeracionais (PI).

Os (PI) emergiram nos anos 1960 e constituem uma ferramenta mobilizadora das pessoas e comunidades, baseada num processo humano básico, que combina diferentes gerações para alcançar um bem comum (Kuehne, 2003). Os PI caracterizam-se pela combinação de duas (ou mais) pessoas em diferentes estádios de desenvolvimento, que interagem em várias situações e contextos com a expectativa de uma relação (Bostrum, 2000; Vanderven, 2011). Assim, os PI constituem veículos para a troca progressiva e propositada de recursos e saberes entre gerações mais novas e mais velhas com benefícios individuais e sociais (por exemplo, transmissão da cultura tradicional das pessoas mais velhas às gerações mais novas, ou jovens a ensinar as gerações mais velhas a utilizar as novas tecnologias) (Bostrum, 2000). Adicionalmente, os PI têm vindo a incentivar os cidadãos a discutir, avaliar, projetar, planear e melhorar a sua existência partilhada numa comunidade. Por exemplo, alguns projetos têm revelado que as pessoas que participam em PI acabam por trabalhar juntas para documentar e preservar a história local, influenciar os processos legislativos, providenciar serviços a quem necessite e incluir perspetivas multigeracionais em planos de desenvolvimento local (Friedman, 1999; Generations United, 2002; Hammack, 1992; Ingman, Benjamin & Lusky, 1998, 1999; Kaplan, 1997).

Contudo, alguns PI baseiam-se em modelos tradicionais, que raramente envolvem os destinatários na conceção/desenho dos programas (Fraenkel, 2006;

Patton, 2002). Fraenkel (2006) sugere que essa falta de envolvimento dos destinatários e a ausência de comprometimento organizacional na implementação de programas contribuem para a subutilização dos programas de intervenção. Por isso, existe uma preocupação crescente em utilizar abordagens colaborativas no desenvolvimento e implementação destes projetos; a investigação tem vindo a demonstrar que esta abordagem é mais efetiva em termos de adesão, inclusão e sustentabilidade (Pain, 2005). As abordagens colaborativas envolvem o contributo dos envolvidos (incluindo os destinatários) para melhorar o desenho dos programas. Esse envolvimento proporciona melhores resultados e contribui para a capacitação dos participantes, que se sentem mais capazes de se envolverem em papéis de participação mais amplos (Keast & Waterhouse, 2006). Esta foi a abordagem que adotámos no projeto P=LHNS (Parque = Lugar com Histórias e Natureza para Socializar).

Os PI têm sido organizados em três grupos (Bostrum, 2000): (a) pessoas idosas que apoiam crianças e jovens (como tutores, mentores e amigos); (b) crianças e jovens que apoiam pessoas idosas (como companheiros e tutores); e (c) pessoas idosas e jovens a colaborar para servir a comunidade (por exemplo, em projetos ambientais). É neste último grupo que o projeto P=LHNS se insere: cidadãos de todas as idades a servir a comunidade, neste caso para revitalizar o emblemático Parque Infante D. Pedro, em Aveiro (Portugal). O Parque Infante D. Pedro é um lugar de identidade na comunidade aveirense. O reforço e a promoção da identidade comunitária têm potencial para construir sociedades socialmente mais fortes e equilibradas (Martinoni, Sassi & Sartoris, 2009). E as relações intergeracionais têm um papel central em nutrir essa identidade, que se sustenta na vida e na mudança social (Edmunds & Turner, 2002).

A decisão de desenvolver um projeto que incidisse nos espaços públicos (neste caso, o parque central da cidade) pautou-se por duas razões. A primeira centra a crescente consciencialização dos desafios ao papel dos espaços públicos nas comunidades, traduzida na necessidade de reformular e procurar um novo significado na e para a comunidade. O espaço público urbano tem enfrentado inúmeras transformações face a (Martinoni; Sassi & Sartoris, 2009): (a) um rápido crescimento das cidades (há um número crescente de pessoas a optar por viver nas áreas urbanas, levando à desertificação das áreas rurais); (b) um apelo para o desenvolvimento da qualidade de vida dos cidadãos (por exemplo, ênfase em estilos de vida saudáveis). A

segunda razão foca a parca incidência da investigação nesta área. Ou seja, enquanto os PI se constituem como um tema recentemente estabelecido, os projetos que têm incidido sobre o espaço público são escassos (Pain, 2005).

Assim, este artigo tem como objetivo descrever a experiência de um projeto comunitário, P=LHNS, onde cidadãos de todas as idades colaboram na revitalização do emblemático Parque Infante D. Pedro. Este projeto decorreu entre maio de 2010 e julho de 2011. Numa primeira fase apresenta-se o Parque, como um lugar de identidade comunitária e, seguidamente, exploram-se os pressupostos e os objetivos do projeto. Depois, descrevem-se os seus principais impactos. O artigo termina com as principais implicações do projeto, abrindo perspetivas para o desenvolvimento de novas práticas.

### **Parque Infante D. Pedro de Aveiro: Um Lugar de Identidade Comunitária**

O parque Infante D. Pedro, situado no centro da cidade de Aveiro (Portugal), foi inaugurado, na sua estrutura atual, em 26 de junho de 1927. Apresenta um estilo romântico, muito semelhante aos tradicionais parques ingleses. Compreende duas partes construídas em fases distintas, separadas por uma escadaria, cada uma com um significado e utilidade específico para os cidadãos: i) o “jardim” foi construído em 1862, numa área que foi horta conventual, apresentando diversos canteiros com flores; tem um coreto em estilo arte nova profundamente associado ao movimento liberalização da música; foi um espaço procurado pelos cidadãos para assistir a concertos; ii) o “parque” foi inaugurado em 1927 e inclui um lago com barcos e patos, uma Casa de Chá, dois viveiros de plantas, um campo de ténis e um campo de desportos (basquetebol, futebol e hóquei), mesas e cadeiras para estudar, ler ou fazer piqueniques e um amplo espólio de fauna e flora, com espécies autóctones e exóticas.

Entre os anos 1930 e 1980 foi um espaço privilegiado da cidade de Aveiro para lazer e convívio, também identificado como um lugar de identidade da comunidade, pois as histórias de vida da maioria dos aveirenses cruzam-se com o parque. Era lá que as famílias levavam as crianças para brincar, os jovens iam estudar, divertir-se, fazer desporto e namorar e onde os adultos e as pessoas idosas estavam com os amigos e

desfrutavam do espaço. Depois dos anos 1980, o parque começou a degradar-se, especialmente devido à falta de reparações e, em consequência, a ser cada vez menos frequentado. Em simultâneo, começaram a registar-se pequenas situações de delinquência e vandalismo. Além disso, outros espaços públicos emergiram na cidade e os hábitos de vida mudaram, pelo que o parque, outrora “cartão de visita da cidade”, deixou de ser a escolha prioritária dos cidadãos. Aqueles que viveram o parque nos seus anos de ouro guardam as boas memórias, mas atualmente evitam visitar o parque, porque se sentem inseguros e, acima de tudo, porque o seu estado atual de degradação lhes traz tristeza. Os jovens já não vivem o parque como os seus antepassados; quem atualmente utiliza o parque, fá-lo quase exclusivamente para praticar desporto, mas não tem uma relação emocional com o espaço.

O projeto “*UrbAging – Designing urban space for an aging society*” (Martinoni *et al.*, 2009), desenvolvido na Suíça, demonstrou que os espaços que facilitam atividades de encontro e socialização são mais atrativos e encorajam pessoas de todas as idades a frequentá-los. Os resultados desse projeto indicam que um espaço público amigável deve assegurar: (a) condições elevadas de segurança; (b) atividades intergeracionais; (c) atividades que promovam o encontro; (d) espaços de entretenimento para crianças e adultos. Ou seja, atualmente, o Parque Infante D. Pedro não pode ser caracterizado como um espaço amigável, pois está negligenciado e a necessitar de renovação e dinâmica, que deve envolver as entidades responsáveis e a comunidade. É neste sentido que surge o projeto P=LHNS.

## **P=LHNS: Objetivos e Etapas de Desenvolvimento**

### **Objetivos**

O projeto propôs-se a dinamizar o Parque Infante D. Pedro como lugar de socialização entre diferentes gerações, preservando o seu espólio bio-social e cativando a comunidade e as instituições locais para a participação. Os objetivos focam: (a) demonstrar e reforçar as práticas intergeracionais na revitalização do parque; (b) agregar cidadãos em torno de uma ação coletiva que reconfigura o Parque num *lugar com histórias e natureza para socializar*.

Para atingir esses objetivos propusemo-nos a desenvolver atividades distintas e complementares: (a) desenhar e implementar trilhos de exploração, que convidassem as pessoas a circular pela flora, fauna, história, arquitetura e azulejaria do Parque (a partir de pesquisas sobre a *história* formal e informal do Parque); (b) feiras mensais (que envolvessem instituições e cidadãos em *workshops*, atividades musicais e lúdicas, e vendas de artesanato); (c) comemoração de dias nacionais e internacionais no Parque (e.g., “Dia da Família”, “Dia Mundial da Criança”, “Dia dos Avós”).

O P=LHNS traduz-se, assim, numa fórmula que visa envolver os cidadãos na renovação da vida social do parque, respondendo a um apelo da comunidade para a sua revitalização. Trata-se de um projeto comunitário, que assenta numa abordagem colaborativa (de, para e com os cidadãos) e numa filosofia de *empowerment*, envolvendo ativamente os destinatários.

### Fases de Desenvolvimento do Projeto

O projeto foi desenvolvido em 4 fases (Ilustração 1): (a) *design* do projeto e envolvimento dos cidadãos; (b) trabalho em rede e parcerias; (c) preparação das atividades (explorar a história e as histórias do parque); (d) implementação das atividades. Algumas das atividades descritas em cada fase foram desenvolvidas ao longo do projeto; ou seja, a enumeração das etapas não determina, necessariamente, uma ordem rigorosa no tempo.

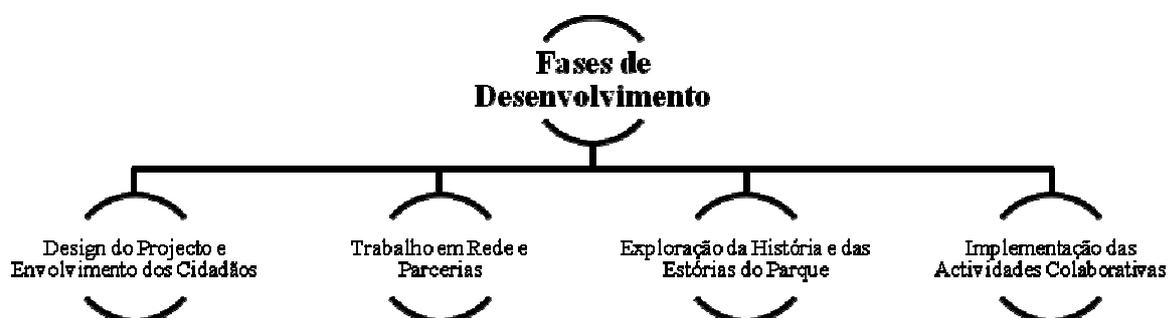


Ilustração 1 – Fases de Desenvolvimento do Projeto

### **(A) Design do Projeto e Envolvimento dos Cidadãos (maio a dezembro 2010)**

Esta fase consistiu na apresentação e disseminação da ideia inicial do projeto à comunidade, para envolver cidadãos e instituições redesenhar o projeto, adaptando-o às sugestões e propostas.

Adotou-se a abordagem colaborativa através do *codesign*, que recomenda que qualquer processo de *design* tem de recorrer a pessoas com ideais e perspetivas diferentes, incluindo-as no processo (Albinsson, Lind & Forsgren, 2007).

Essa ferramenta facilitou a auscultação das expectativas, desejos e necessidades de cidadãos de todas as idades, bem como o seu envolvimento em todas as fases de desenvolvimento do projeto (desde o desenho e planeamento até à implementação).

Para isso, a equipa do projeto recorreu a: (a) redes sociais (perfil no *Facebook* “Dinamizar Parque Aveiro”, com 1800 amigos atualmente; e um blog (<http://plhns.blogspot.com/>); (b) *media* (rádio, jornais locais e nacionais); (c) trocas de e-mails e contactos telefónicos; (d) reuniões com potenciais parceiros (cidadãos e instituições), muitas vezes precedidas de visitas ao parque; e (d) “passa a palavra” (pedia-se a quem participava que divulgasse). O projeto foi muito bem recebido pelos cidadãos, grupos cívicos e instituições formais e informais, que se envolveram no que designamos por movimento cívico informal.

### **(B) Trabalho em Rede e Parcerias (setembro 2010 a março 2011)**

Depois da primeira etapa e do grande interesse demonstrado pela comunidade, a equipa do projeto sentiu necessidade de desenvolver parcerias mais formais.

Nesta fase, realizaram-se com os parceiros (210 cidadãos e 17 instituições): 9 reuniões e 5 trilhos (orientados por uma bióloga de um herbário da Universidade de Aveiro) no parque; 16 reuniões noutros locais da cidade (desde a Universidade até à autarquia local).

Essas iniciativas pretenderam apresentar o projeto de uma forma mais detalhada, explorar sugestões dos parceiros (em termos de atividades) e definir mais

concretamente como estes cidadãos ou instituições gostariam de se envolver. Essas atividades promoveram a coesão entre a rede, constituindo um elemento crucial para determinar o envolvimento e colaboração posterior.

***(B) Preparação das Atividades: Explorar a História e as Estórias do Parque (outubro 2010 a abril 2011)***

Os passos anteriores ajudaram a redefinir algumas atividades e, particularmente, a realçar a importância de desenvolver ações que destacassem a história do parque (como música ao vivo no coreto, feiras de artesanato e trilhos sobre a história, fauna e flora do parque). Esta fase centrou-se na exploração da história formal e das histórias informais do parque. Foram utilizados dois métodos para a recolha de dados e informação: (a) entrevistas em profundidade semiestruturadas para recolher as histórias de vida dos participantes e memórias relativas ao parque (história informal); foram entrevistadas 26 pessoas com mais de 60 anos de idade (18 entrevistas individuais e 8 coletivas); (b) análise documental para explorar a história formal do parque e da cidade, incluindo a recolha de filmes, mapas e planos arquitetónicos (de várias datas), fotografias, artigos de revistas de turismo locais e nacionais entre 1940 e 1980, atas da Câmara Municipal. Esta recolha foi facilitada pelas parcerias institucionais estabelecidas nas fases anteriores (por exemplo, biblioteca municipal e museus), bem como dos cidadãos (*park lovers*) que mostraram interesse em se envolver.

***(D) Implementação das Atividades (abril a julho 2011)***

O projeto focou-se na revitalização do parque através de atividades intergeracionais, isto é, envolvendo cidadãos de todas as idades e enfatizando a participação das famílias. Para tal, foram utilizadas algumas estratégias para promover a intergeracionalidade, tais como: (a) envolver instituições que trabalham com crianças, jovens e idosos, assegurando o envolvimento de grupos de diferentes

gerações; (b) desenhar atividades potencialmente atrativas e onde pudessem participar pessoas de todas as idades (inclusão); (c) desenvolver materiais que envolvessem a transmissão da cultura comunitária para reforçar a coesão e o sentimento de identidade entre as gerações mais novas e mais velhas.

As atividades que pretendiam o contacto direto entre gerações e as desafiavam para socialização e aprendizagem mútua constituíram-se por (

Quadro 1): (a) um trilho intergeracional, designado “Curios’Idades do Parque”<sup>3</sup>, que permitia conhecer melhor o parque a partir da interação e troca de saberes entre os vários elementos da equipa; (b) uma exposição de fotografias antigas e exibição de um filme do parque, atividades concretizadas com a colaboração dos *park lovers*; (c) a árvore da família (i.é, dispositivo lúdico para tirar fotografias de família) e a construção da árvore genealógica (através do desenho dos elementos da família numa folha de papel A3, impressa com uma árvore), que possibilitavam momentos de partilha e divertimento em família; e (c) a batalha de flores, inserida na comemoração dos 84 anos do parque, onde crianças e idosos de várias instituições construíram carros alegóricos com flores de papel para um desfile no parque.

Vários eventos para todas as idades ocorreram no parque; alguns foram organizados pela equipa do projeto com a colaboração dos parceiros, enquanto noutros o papel de organizador foi assumido pelos parceiros, tendo a equipa do projeto colaborado.

Assim, para além do foco sobre a intergeracionalidade, foram implementadas outras iniciativas de animação do parque, tais como: (a) eventos mensais “Há Vida no Parque!”, com feiras onde várias instituições vendiam o artesanato produzido pelos seus utentes, bem como atividades desportivas, culturais e recreativas (por exemplo, teatro, *workshops*, contadores de histórias e jogos tradicionais); (b) comemorações destinadas à família (por exemplo, o “Dia Internacional da Família”) e aos grupos geracionais (por exemplo, o “Dia Mundial da Criança” e o “Dia dos Avós”) (

---

<sup>3</sup> Este trilho era dinamizado pela mascote Félix, um híbrido de pássaro e árvore, através da qual foi construída uma história para contextualizar o trilho. A partir desta mascote foi desenvolvida e produzida uma linha de materiais pela designer do projeto, com a colaboração das instituições, que foi posteriormente vendida nas feiras mensais.

Quadro 1).

**Quadro 1. Atividades e participantes**

<b>Organizador principal: equipa do projeto</b>		
<b>Data</b>	<b>Evento</b>	<b>Número de participantes</b>
3abril		<b>Total: 1500</b> Crianças: 336 Jovens: 264 Adultos: 545 Seniores: 355
5junho	<b>Há Vida no Parque</b> Feira de artesanato, atividades desportivas, trilhos intergeracionais, workshops e música ao vivo.	<b>Total: 2000</b> Crianças: 592 Jovens: 380 Adultos: 593 Seniores: 435
3julho		<b>Total: 500</b> Crianças: 120 Jovens: 129 Adultos: 146 Seniores: 105
29julho	<b>Dia dos Avós</b> Exposições; feira de artesanato; música ao vivo; histórias intergeracionais; baile; yoga; workshop de culinária.	<b>Total: 1000</b> Crianças: 75 Jovens: 85 Adultos: 185 Seniores: 655
<b>Organizador principal: parceiros (equipa do projeto como colaboradora)</b>		
10dezembro	<b>Aniversário da Declaração dos Direitos Humanos</b> Workshops sobre os direitos humanos e atividades para grupos escolares.	<b>Total: 600</b> Crianças: 350 Jovens: 150 Adultos: 80 Seniores: 20
15maio	<b>Dia Internacional das Famílias</b> Árvore genealógica; árvore da família; árvore dos desejos; contadores de histórias; jogos tradicionais; atividades desportivas; e workshops (culinária, percussão e reciclagem).	<b>Total: 150</b> Crianças: 55 Jovens: 25 Adultos: 45 Seniores: 25
27maio	<b>Feira dos Direitos Humanos, Sustentabilidade e Ecologia</b> Feira de artesanato e de produtos biológicos; workshops sobre ecologia e reciclagem; animação e música ao vivo; performances de grupos escolares (teatro, dança e música); e dinâmicas de grupo sobre os direitos humanos.	<b>Total: 510</b> Crianças: 100 Jovens: 200 Adultos: 150 Seniores: 60
1junho	<b>Dia Mundial da Criança</b> Marcha pelos direitos das crianças até ao parque; contadores de histórias; árvores dos desejos.	<b>Total: 900</b> Crianças: 450 Jovens: 250 Adultos: 120 Seniores: 80
24-26junho	<b>Parque@20's</b> Celebração da inauguração do parque em 1927 com uma recriação de atividades culturais e exposições relativas aos anos 1920 (por exemplo, filme e exposição de fotografia sobre os anos de ouro do parque; batalha de flores tal como no dia da inauguração; feira de artesanato; e baile).	<b>Total: 4380</b> Crianças: 470 Jovens: 680 Adultos: 2840 Seniores: 390

## Impactos

O projeto foi sendo avaliado ao longo de todo o processo e, particularmente, nos dias de atividades no parque. As metodologias de avaliação envolveram métodos:

i) quantitativos, como a contabilização do número de participantes nas atividades e o número de parceiros, efetuadas pela equipa do projeto com o apoio de um grupo de voluntários; e

ii) qualitativos, para recolher sugestões de melhoria do parque e para compreender o significado e a relevância das iniciativas do projeto para os participantes e parceiros.

No caso destes métodos qualitativos, as sugestões, significado e relevância das iniciativas do projeto foram recolhidas através de: inquéritos por questionário no perfil do *facebook*, enviadas por mensagem e colocadas no mural do perfil (117 pessoas responderam a este questionário e cerca de 300 faziam regularmente comentários e sugestões); e entrevistas semiestruturadas durante o decorrer das atividades (12 participantes e 8 parceiros). Estas entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, transcritas e submetidas à análise temática por dois juízes independentes (as autoras) (

Quadro 2).

### ***Avaliação quantitativa (alguns números)***

A afluência às atividades no parque foi significativa, envolvendo pessoas de todas as idades, que estabelecerem relações entre si (por exemplo, famílias a participar nos trilhos; avós a ensinar jogos tradicionais aos netos). O número total de participantes nas atividades foi cerca de 11 540 (Quadro 1), com a seguinte distribuição por gerações: crianças – 2598 (22,5%); jovens – 2160 (18,6%); adultos – 4704 (40,6%); seniores – 2125 (18,3%).

O total de parceiros e colaboradores foi 33, que incluem: autarquia local; junta de freguesia; 4 escolas; 10 associações; 7 Instituições Particulares de Solidariedade Social; 3 museus; 1 herbário; 3 clubes desportivos; 2 grupos de teatro; e Comissão para a Proteção de Crianças e Jovens de Aveiro. De salientar que 13 parceiros mantiveram a colaboração em todas as atividades.

Além disso, a cada nova atividade, foram surgindo mais entidades que colaboraram pontualmente e que acabaram por fazer integrar o projeto.

Para além das parcerias institucionais houve cerca de 150 cidadãos que se envolveram individualmente.

### ***Avaliação qualitativa (testemunhos)***

As sugestões para melhorar o parque e o projeto consistiram em (

Quadro 2): (a) melhorar as condições físicas e ambientais do parque; (b) maior dinamização; (c) reforçar a segurança do parque.

Relativamente ao significado e relevância das atividades, as opiniões dos participantes centraram-se em (

Quadro 2):

- (a) alegria pela atual dinamização e vida do parque;
- (b) a participação e socialização entre gerações; e
- (c) transmissão e partilha de cultura, memórias e identidade.

## Quadro 2. Sugestões para melhorar o parque e o projeto e significado das atividades

### (A) Sugestões para melhorar o parque e o projeto

- |   |   |
|---|---|
| 1. Melhorar as condições físicas e ambientais do parque | <p>Referem a necessidade de: renovar as estruturas e os equipamentos (por exemplo, para a prática desportiva); limpar a água do lago (onde antigamente se podia andar em pequenos barcos a remo); cuidar os espaços verdes; e melhorar a iluminação:</p> <p><i>“Renovar todas as pontes de madeira, os muros, os azulejos e os bancos de pedra... a última vez que estive no parque, todas as estruturas estavam muito degradadas.”</i> [Carolina<sup>4</sup>, 54 anos]</p> |
| 2. Maior dinamização                                    | <p>Sublinham que o parque é pouco utilizado, também, por falta de dinamização. Assim, consideram essencial promover mais atividades, para que mais pessoas sintam o desejo de frequentar o parque:</p> <p><i>“Recuperar o coreto e ter bandas de música todos os domingos, tal como era no passado.”</i> [José, 38 anos]</p>  |
| 3. Reforçar a segurança do parque                       | <p>Os cidadãos sentem o parque como um lugar perigoso. Assim, acreditam que se deve promover um ambiente mais seguro, durante a noite e o dia, através de uma iluminação (particularmente à noite) e de guardas 24 horas por dia:</p> <p><i>“Eu adoro este parque mas confesso que não vou lá mais vezes porque está tão abandonado que tenho receio de que possa ser perigoso. Deveriam providenciar guardas diurnos e noturnos.”</i> [Raquel, 23 anos]</p>                |

### (B) Significado e relevância das atividades

- |   |  |
|---|--|
| 1. Alegria pela atual dinamização e vida do parque          | <p>Os cidadãos recomeçaram a sentir o parque como parte relevante da identidade da comunidade, um lugar de convívio e coesão. Foi motivo de alegria ver o parque novamente cheio de gente e com uma vida social:</p> <p><i>“Há muito tempo que não se via o parque assim, com tanta gente e tanta animação!”</i> [Luísa, 74 anos]</p>  |
| 2. Participação e socialização entre gerações               | <p>Os participantes sentiram que as atividades foram apelativas para todas as idades, levando ao parque pessoas de todas as idades (culturas e classes sociais), tornando-o um espaço com dimensão intra e inter geracional:</p> <p><i>“Fiquei pasmado com o número de visitantes [na feira] e pelo cuidado que muitas mães e pais tiveram em levar as crianças; e também muitos avós com os seus netos!”</i> [Francisco, 61 anos]</p>   |
| 3. Transmissão e partilha de cultura, memórias e identidade | <p>Os cidadãos consideram que a transmissão cultural e histórica, bem como a partilha de cultura, memórias e identidade entre gerações mais novas e mais velhos (incluindo laços familiares) foram aspetos positivos. Foi possível constatar nos relatos uma relação afetiva entre as gerações mais velhas de Aveiro e o parque. O projeto foi uma oportunidade para reviver o passado, partilhar as vivências e promover a história e cultura do parque, antigo cartão de visita da cidade:</p> <p><i>“O parque da minha infância, as memórias que neste instante são revividas e o desejo que este espaço, este recanto de natureza, seja partilhado pelos nossos filhos e/ou netos também, para que não fique perdido nas memórias dos que aqui passaram. Admirável este projeto de tornar este sonho já vivido de novo realidade.”</i> [Fátima, 63 anos]</p> |

<sup>4</sup> Todos os nomes são fictícios para proteger o anonimato dos participantes.

## **Implicações**

Este projeto permitiu desenvolver linhas orientadoras para a implementação de programas em que pessoas de diferentes gerações se unem e colaboram para servir a comunidade. Mais especificamente, programas que tentam responder aos apelos comunitários e que promovem, simultaneamente, laços intergeracionais, assegurando a continuidade da identidade da comunidade.

### ***Proporcionar atividades intergeracionais sem forçar a participação***

Os participantes referiram que foi importante existir atividades que envolviam os interesses, gostos e preferências de todas as gerações. Contudo, nunca foram efetuadas atividades em que era “obrigatória” a participação intergeracional: simplesmente proporcionava-se a possibilidade. Por exemplo: os trilhos foram desenhados para serem apelativos às várias gerações, principalmente incentivando a participação de famílias; a *Árvore da Família* foi planeada para que todos os elementos da família se pudessem colocar e obter uma fotografia em conjunto (*e mais tarde recordar*). Assim, a aproximação era mais espontânea e baseada no afeto e curiosidade entre gerações. A oferta de diversas atividades promove uma participação etária mais equitativa e equilibrada. E as atividades destinadas à família têm um impacto positivo na vivência do parque por todas as gerações.

### ***Envolvimento da comunidade na procura de soluções***

Este projeto foi desenvolvido sem que as obras de restauração ocorressem no parque, o que foi diversas vezes criticado pelos parceiros. Contudo, a equipa considerou que dinamizar e trazer vida ao parque poderia ser uma forma de levar a autarquia a cuidar melhor do parque. E esta foi uma aposta ganha; ao longo do projeto

a limpeza do parque e os cuidados com a flora foram exemplares; e algumas pequenas obras (como pintar uma ponte ou arranjar os bancos de cimento) foram realizadas. E durante o ano de 2012 as obras maiores começarão. Ou seja, as atividades no parque impulsionaram a melhoria da qualidade do espaço.

### ***Expor, ouvir e agir em conjunto***

Os cidadãos foram envolvidos de modo colaborativo, potenciando a sua corresponsabilização pelo projeto. Por exemplo, a análise inicial das opiniões e expectativas dos cidadãos aveirenses em relação ao projeto favoreceu o desenho sustentado e adequado do projeto às necessidades dos destinatários, potenciando a sua eficácia. Ou seja, a utilização de uma abordagem colaborativa foi positiva, pois as pessoas identificavam-se com a intenção do projeto e sentiam-se parte dele. Essa abordagem pode fazer com que, inicialmente, o projeto avance mais devagar, mas a médio prazo fomenta o seu impacto e, a longo prazo, garante a sua sustentabilidade.

### ***Todos podem colaborar***

Num projeto comunitário, todos podem colaborar com algo. Por exemplo, dada a escassez de informação sobre o parque, as gerações aveirenses mais velhas são os guardiães de memórias do parque. A partir dos seus testemunhos foram construídos os trilhos intergeracionais, os quais foram posteriormente dinamizados por um grupo de alunos de uma Escola Profissional de Turismo. Esta colaboração e a utilização dos vários recursos da comunidade proporcionaram um enriquecimento do projeto e destacou contributos para a vida comunitária. Os mais novos foram captados pelas redes sociais e *media*, tendo uma forte influência na disseminação de ideias e atividades, principalmente junto dos seus familiares mais velhos.

### ***Parcerias instituídas***

A existência de parceiros foi fulcral para assegurar a continuidade e a sustentabilidade do projeto. A estabilidade das parcerias poderá remeter-nos para a coesão entre os parceiros derivada da sua satisfação na colaboração e do seu envolvimento com o projeto (Foxman-Feldman, Seedsman & Dench, 2002; Newman, 1998). Adicionalmente, o trabalho com a autarquia foi imprescindível para a revitalização do espaço, que decorreu em paralelo.

### ***Equipa do projeto***

A equipa foi um exemplo de intergeracionalidade. No projeto P=LHNS, a equipa era intergeracional (dos 20 aos 60 anos) e multidisciplinar (incluindo profissionais de gerontologia, ciências da educação, psicologia, gestão e design), o que é enriquecedor e facilita uma visão intergeracional.

A opção por abranger toda a comunidade e despoletar um movimento cívico com todas as gerações foi um caminho que acarretou barreiras. O projeto decorreu junto de um grupo e espaço não limitados, por isso há dificuldades na promoção das relações intergeracionais, na obtenção de resultados e na medição do impacto.

### **Considerações Finais**

O projeto P=LHNS trouxe vida nova ao Parque Infante Dom Pedro, utilizando uma abordagem colaborativa, centrada na intergeracionalidade. Os participantes salientaram a importância das possibilidades de convívio intra e intergeracional que emergiram do projeto. Sublinharam ainda que a história do parque ajuda a reforçar a identidade da comunidade. Denota-se que os participantes e as entidades parceiras continuam motivados e estão mobilizados para dar continuidade à revitalização da vida social deste parque. Várias atividades (como celebrações anuais) continuam a ser projetadas para o parque. Paralelamente, alguns cidadãos vão partilhando informação

e opiniões nas redes sociais que foram criadas durante o projeto. A intergeracionalidade parece ter potencial como resposta a este apelo da comunidade: transformar o parque de espaço negligenciado (um não-lugar) num lugar de identidade da comunidade. A intergeracionalidade emerge das possibilidades que o parque cria às diferentes gerações e é potenciada pelas propostas do projeto, diretas (i.é, combinar várias gerações numa mesma atividade ou destiná-las às famílias, nomeadamente os trilhos intergeracionais e a árvore da família) e indiretas (i.é, ter várias idades num mesmo espaço e ao mesmo tempo, nomeadamente, os concertos no coreto a decorrerem simultaneamente aos campeonatos de futebol no campo de jogos).

## Referências

- Albinsson, L.; Lind, M. & Forsgren, O. (2007). Co-Design: An approach to border crossing. Network Innovation. In: Cunningham, P. & Cunningham, M. (Eds.). *Expanding the Knowledge Economy: Issues, Applications, Case Studies*, 4(part 2): 977-83. Amsterdam: IOS Press.
- Bostrum, A. (2000). A general assessment of IP initiatives in the countries involved. In: Hatton-Yeo, A. & Ohsako, T. (Eds.). *Intergenerational programmes: public policy and research implications, an international perspective*. Chapter 1: 4-8. Unesco Institute for Education, The Beth Johnson Foundation. Retrieved June 17, 2011, from <http://www.unesco.org/education/uie/pdf/intergen.pdf>
- Edmunds, J. & Turner, B.S. (2002). *Generations, culture and society*. Buckingham: Open University Press.
- Foxman-Feldman, S.; Seedsman, T. & Dench, R. (2002). *Building Intergenerational Capacity: A national research study of intergenerational programmes*. Report No March, for Department of Human Services Victoria. Melbourne, Australia: Department of Human Services.
- Fraenkel, P. (2006). Engaging families as experts: collaborative family program development. *Family Process*, 45(2): 237-57.
- Friedman, T. (1999). *The lexus and the olive tree: understanding globalisation*. New York: Farrar, Strauss and Giroux.
- Generations United (2002). *Reaching Across the Ages: An Action Agenda to Strengthen Communities Through Intergenerational Shared Sites and Shared Resources*. Washington, DC.
- Hammack, B. (1992). *Shared lives: an intergenerational discussion model*. Kensington, MD: Interages.
- Ingman, S.; Benjamin, T. & Lusky, R. (1998/99). The environment: The quintessential intergenerational challenge. *Generations*, 22(4): 68-71.

- Kaplan, M. (1997). Intergenerational community service projects: Implications for promoting intergenerational unity, community activism, and cultural continuity. *Journal of Gerontological Social Work*, 28(2): 209-25.
- Keast, R. & Waterhouse, J. (2006). Participatory Evaluation: The Missing Component in the Social Change Equation? *Strategic Change*, 15(1): 23-35.
- Kuehne, V. (2003). The state of our art: intergenerational program research and evaluation. *Journal of Intergenerational Relationships*, 1(1): 145-61.
- Martinoni, M.; Sassi, E. & Sartoris, A. (2009). UrbAging: When cities grow older. *Gerontechnology*, 8(3): 125-8. Retrieved June 17, 2011, from [www.gerontechnology.info/Journal/pdf.php?a=1159](http://www.gerontechnology.info/Journal/pdf.php?a=1159).
- Newman, S.; Ward, C.R.; Smith, T.B.; Wilson, J.O.; McCrea, J.M.; Calhoun, G. & Kingson, E. (1997). *Intergenerational Programs: Past, Present and Future*. New York: Taylor & Francis.
- Newman, S. (1998). Intergenerational programs: Program Management Components. *Generations Together X Annual Intergenerational Training Institute*. Pittsburgh, PA: Generations Together.
- Patton, M.Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Pain, R. (2005). *Intergenerational relations and practice in the development of sustainable communities* (Background Paper for the Office of the Deputy Prime Minister). Thornaby, UK, Durham University, International Centre for Regional Regeneration and Development Studies (ICRRDS).
- VanderVen, K. (2011). The road to intergenerational theory is under construction: a continuing story. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(1): 22-36.

---

**Sacha Vieira** - Mestre em Ciências da Educação, Bolseira de Investigação; Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 - Aveiro, Portugal.

E-mail: sachavieira@ua.pt.

**Sara Guerra** - Licenciada em Gerontologia. Estudante de Doutoramento na Universidade de Aveiro. Bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/38109/2007). Departamento de Ciências da Saúde. Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 - Aveiro, Portugal.

E-mail: sara.guerra@ua.pt.